

LINGUAGENS MIDIÁTICAS E LEITORES ILETRADOS: A ARTE DE EDUCAR

ANLAFABETOS DAS NARRATIVAS SOCIAIS. Luiz Hermenegildo Fabiano. Maringá Pr. - UEM.
fabiano@wnet.com.br

Resumo: A reflexão sobre o tema proposto refere-se às conceituações de indústria cultural, semicultura e experiência formativa, desenvolvidas pelos pensadores da Escola de Frankfurt: Max Horkheimer, Theodor W. Adorno e Walter Benjamin. A partir de tais concepções discute-se o imediatismo das linguagens midiáticas comprometendo a possibilidade de experiências formativas autênticas. As simplificações e facilitações na disseminação de conteúdos culturais estereotipados privam a reflexão crítica de seu princípio fundamental no desenvolvimento do pensamento autônomo. Embora vivemos a *sociedade do conhecimento*, e sem dúvida há muito conhecimento, os aligeiramentos culturais e o pragmatismo reinante têm produzido legiões de iletrados incapazes de intervenção crítica nos códigos de dominação e regressão veiculados no social.

Palavras-Chaves: mídia, semicultura, experiência formativa, linguagem.

O argumento de que a indústria cultural realizou-se integralmente na atualidade soa aparentemente falso. Todavia, a cultura que se consolidou no desenvolvimento da sociedade industrial não falseia o argumento se considerarmos os imediatismos culturais resultantes desse contexto. As conceituações dos frankfurtianos Theodor Adorno e Max Horkheimer sobre a cumplicidade ideológica desse tipo de cultura com a lógica econômica dominante define o caráter mercantil dessa forma de expressão cultural. As concepções de ambos os autores de que a indústria cultural pressupõe como lastro de interesse a diversão e o entretenimento sobre os bens culturais socialmente produzidos, revela o caráter limitado dos seus princípios. O fato observam os autores, acaba por minar a própria diversão pretendida, a medida em que a sua identidade subjacente constitui-se do compromisso ideológico que a determina. Nesta perspectiva:

A diversão favorece a resignação que nela quer se esquecer". [...] O logro, pois, não está em que a indústria cultural proponha diversões, mas no fato de que ela estraga o prazer com o envolvimento de seu tino comercial nos clichês ideológicos da cultura em vias de se liqüidar a si mesma.¹

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. trad. Guido de Almeida. RJ: Jorge Zahar Editores, 1985, p.133.

A pretensa idéia de que a massificação da cultura teria a ver com uma forma de expressão da arte popular contemporânea, surgida das próprias massas e assim, entendê-la numa perspectiva democrática, Adorno observa que:

Ora, desta arte a indústria cultural se distingue radicalmente. Ao juntar elementos de há muito correntes, ela atribui-lhes uma nova qualidade. Em todos os seus ramos fazem-se, mais ou menos segundo um plano, produtos adaptados ao consumo das massas e que em grande medida determinam esse consumo².

Assim concebida, a indústria cultural integra e administra de tal maneira os níveis do comportamento social, que ela passou a ser parte integrante das necessidades simbólicas dos indivíduos no contexto mais amplo do desenvolvimento da sociedade industrial. O princípio civilizatório de uma dimensão cultural mais autêntica desloca-se em processos de dimensões estéticas e/ou culturais esvaziados desse sentido, para reduzir-se a uma dimensão de diversão e lucro cuja finalidade é subsumir o sujeito à lógica do mercado de que se constitui a totalidade da organização social. A cultura veiculada sob essa perspectiva, apesar do alto nível tecnológico dos meios, o seu conteúdo dissemina padrões comportamentais de ajustamento dos indivíduos ao processo mais amplo de circulação do capital. Neste aspecto, decresce em termos formativos a taxa de exigência cultural pela qual os indivíduos exercitam a sua autonomia. Imediatismos assimilativos proporcionados por uma cultura facilitada e de mero entretenimento, impõe-se pela perda do eixo dialético ou estilístico que um conteúdo cultural mais consistente e autêntico no sentido crítico e reflexivo poderia proporcionar.

Na medida em que os bens culturais, na perspectiva da indústria cultural são destituídos da possibilidade de reflexão crítica, a sua estrutura de mensagens se converte em estereótipos ou clichês coniventes com a lógica da dominação econômica em termos sociais mais amplos. O reducionismo

² ADORNO, T. W. **A indústria cultural**. In: COHN, Gabriel. (org.). **Theodor Adorno**. (Sociologia). São Paulo: Ática, 1994. p. 92.

da cultura ao culto do espetáculo e do entretenimento, em que a diversão induzida suprime investimentos culturais mais autênticos resulta numa legião imensa de indivíduos *semiformados*³, sem acesso ao que de essencial subsiste na produção dos bens culturais. Esse processo característico da indústria cultural torna-se o sustentáculo fundamental de uma espécie de engenharia de manipulação cultural das consciências e alívio da resignação coletiva cuja dor inominada busca compensação nas formas alienantes do entretenimento disponível. Ou seja, a cultura entendida como cultivo do espírito e da identidade social é dissolvida nos esquemas de massificação voltados ao consumo e cultivo do modelo econômico vigente.

No ensaio Teoria da Semicultura (*Halbbildung*), Theodor W. Adorno define o termo como formação despotencializada em virtude da unilateralidade ideológica que perpassa os conteúdos culturais que veicula. Demonstra que: “o que é entendido pela metade não é um passo em direção a formação, mas seu inimigo mortal”. Considera apropriadamente que: “por inúmeros canais, se fornecem às massas, bens de formação cultural (...) que ajudam a manter no devido lugar àqueles para os quais nada existe de muito elevado ou caro. Isso se consegue ao ajustar o conteúdo da formação, pelos mecanismos de mercado, à consciência dos que foram excluídos do privilégio da cultura – e que tinham mesmo que ser os primeiros a serem modificados”.⁴ Aquilo que sob suspeita poderia considerar-se como democratização massiva da formação cultural é, no entanto, desnudado pelo caráter fetichista que assume quando o próprio conteúdo cultural que se pretende é sabotado.

Observa Adorno que tais elementos culturais estereotipados, ao se sobrepor ou serem absolutizados enquanto formação cultural, “penetram na consciência sem fundir-se em sua continuidade, transformando-se em substâncias

³ Cf. ADORNO, T W. *Teoria da semicultura*. Trad. de Newton Ramos de Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. Moura Abreu. In: **Educação & sociedade**: revista quadrimestral de ciência da educação, ano XVII, n. 56, Campinas: Ed. Papirus, dez. /1996, 388-411. Cf. nota dos tradutores em relação aos termos *bildung* indicando *formação cultural* e ao mesmo tempo *cultura* e *halbbildung* indicando, portanto, *semicultura*, *semiformação cultural*.

⁴ Id, ibid. p. 394

tóxicas e, tendencialmente, em superstições, (...) acabam por se tornar em elementos formativos inassimilados que fortalecem a reificação da consciência que deveria ser extirpada pela formação".⁵

A semicultura é assim expressão esvaziada do conteúdo civilizatório atribuído aos bens espirituais socialmente produzidos e se reduz aos clichês e ao imediatamente consumível. Nesse universo cultural massificante, processos formativos mais conseqüentes são assimilados por avaliações subjetivas e fatalmente reducionistas. Daí resultam atitudes conformistas de adequação de valores sociais e comunitários fundamentais, circunscritos a interesses eminentemente individualistas, desvinculados da alteridade necessária a constituição de uma vida social autêntica. Na visão de Adorno:

"O narcisismo coletivo alimentado por tal mecanismo faz com que as pessoas compensem a consciência de sua impotência social – consciência que penetra até em suas constelações instintivas individuais – e, ao mesmo tempo, atenuem a sensação de culpa por não serem nem fazerem o que em seu próprio conceito, deveriam ser e fazer. (...) A atitude em que se reúne a semicultura e o narcisismo coletivo é a de dispor, intervir, adotar ares de informado, de estar a par de tudo".⁶

O que se constata, é que os *mass media* na sua subserviência ideológica têm suplantado a condição informativa ao impor na formação do imaginário social um analfabetismo induzido pelo qual o indivíduo faz uma leitura obtusa das contradições subjacentes a sua realidade circundante. A estrutura desse discurso, assim caracterizado, intensifica e consolida a perda da experiência no sentido que lhe atribui Walter Benjamin em relação ao exercício da vida coletiva na sociedade capitalista moderna. Segundo o autor, a grande tradição narrativa existente nas formas do trabalho pré-capitalista, pelo seu caráter de experiência comunitária se perde nas formas do trabalho fragmentário da sociedade moderna. A perda dessa experiência coletiva em que a arte de contar

⁵ Id, ibid. p. 402-403.

⁶ Id, ibid. p. 404.

(narrar) mantinha o grupo unido em torno de uma vivência que se traduzia em experiência coletiva e comunitária prestava-se a manter o grupo coeso nos interesses comuns passados de geração em geração. As grandes narrativas conservam, portanto, essa dimensão épica de corporificar o imaginário social no plano coletivo.

Na acepção de Benjamin (1994), com a perda desse caráter comunitário das narrativas no desenvolvimento da sociedade capitalista moderna, as narrativas ganham um enfoque centrado no plano individual, tipicamente representado pela figura do herói solitário no romance como expressão característica da sociedade burguesa moderna. A tradição de uma memória comum que garantia a existência de uma experiência coletiva cede lugar a narrativas em que a vivência se resolve nos conflitos individuais do herói que atrai para si a configuração do enredo. Essa vivência reduzida ao plano individual, (*erlebnis*) na conceituação benjaminiana, em oposição à tradição de uma memória comum conservada na experiência coletiva (*erfahrung*)⁷ tem marcado as narrativas de cunho massificado no contexto da indústria cultural.

Veiculados nos seus aligeiramentos e imediatismos informativos os conteúdos culturais sustentam um empobrecimento civilizatório que resulta numa formação social regressiva. Ações bárbaras e violentas, próximas do meramente instintivo, atitudes comportamentais reducionistas e imitativas, como o *ignorante feliz*, o *egoísta simulado*, o *auto-referente venerado*, a *idolatria das celebridades narcísicas*, a *estereotipia corporal*, o *intelectualismo postizo*, o *mercantilismo estético*, *mistificação religiosa do desamparo político* e etc, compõem uma espécie de comutação da consciência humana forjada no contexto da racionalidade instrumental, configurada pelo pragmatismo cultural que tomou conta do ambiente social massificado da atualidade. Sem dúvida, um cenário no qual é possível

⁷Cf. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin em: **Walter Benjamin. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Trad. Sério Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 – (Obras escolhidas; v.1).

vislumbrar-se verdadeiros cyber-austrolopitecos ou *videopitekos* compõe a malha social alienante. A experiência no sentido do exercício coletivo é subtraída nas experiências individuais de suposta gratificação subjetiva ou investimento cultural no plano identificatório. Tais reducionismos formativos acabam por comprometer o senso da alteridade na vivência social inviabilizando experiências comunitárias. A ausência de investimento em processos culturais mais autênticos e consistentes como fortalecimento da interioridade humana predispõe o indivíduo à incorporação de atitudes individualistas e auto-referentes. Dimensões estéticas estereotipadas como sucedâneos de uma artisticidade mais séria impõem limites mentais por aquilo que facilita na compreensão imediata.

Conteúdos culturais mais consistentes capazes de fornecer instrumentos críticos de leitura e decodificação das contradições sociais tornam-se narrativas diluídas no processo de pasteurização decorrente da avalanche cultural massificada. Esse processo de manipulação cultural, todavia, cada vez mais intensifica uma certa aversão pela herança cultural que fundamenta e consolida princípios sociais necessários ao convívio humano em sociedade. O empobrecimento cultural daí decorrente não só debilita a identidade do indivíduo, como também desmobiliza experiências comuns para estabelecer novas e diferentes narrativas no sentido de sua autonomia. Narrativas mais consistentes e autênticas interpretam e identificam contradições ocultadas ou mal nomeadas que se impõem como determinantes da realidade social engendrada pelo modelo econômico dominante. A estrutura interpretativa da realidade que tais narrativas diferenciadas traduzem permite ao indivíduo vivências reflexivas como possibilidade de experiências que ampliam sua capacidade de autodeterminação na vida social.

As simplificações e facilidades na disseminação de conteúdos culturais estereotipados privam a reflexão crítica de seu princípio fundamental no desenvolvimento do pensamento autônomo. Embora vivemos a *sociedade do conhecimento*, e sem dúvida há muito conhecimento, os aligeiramentos culturais e

o pragmatismo reinante têm produzido legiões de iletrados incapacitados de intervenção crítica nos códigos de dominação e regressão veiculados no social. A disseminação da indústria cultural legitima, neste sentido, elementos autoritários de uma sociedade administrada na medida em que impõe e padroniza sentidos ao contrário de expressá-los na sua autenticidade. Justamente, trata-se da autenticidade cultural que esse tipo de manipulação desmantela e fragmenta. Ao padronizar gostos, sentimentos e aspirações, a lógica dessa dimensão cultural é a de intensificar a dimensão consumista que a caracteriza.

Os discursos estéticos nas suas mais diversificadas formas de expressão, pela sua singularidade em relação aos produtos da indústria cultural, constituem-se de narrativas que possibilitam experiências formativas. No entanto, pelo processo de massificação cultural, tais possibilidades se inviabilizam diante da descaracterização das obras de arte em formas estereotipadas dos seus conteúdos expressivos. Músicas de sucesso comercialmente induzidas, folhetins televisivos, filmes comerciais, apelos publicitários, literatura trivial e de auto-ajuda, modismos da estação, escândalos políticos do momento, periódicos de futilidades, exposição da intimidade postiça, exploração banalizada da violência, análises superficiais dos acontecimentos: um rol interminável de vivências cotidianas para atrair investimentos em narrativas banais e corriqueiras preenche a ausência de investimentos em narrativas que, de fato, permitiriam experiência formativa sobre a existência social construída.

Tal processo de usurpação mercantil da cultura revela, todavia, como essas narrativas têm prejudicado o exercício da coesão social para o bem comum, cedendo espaço para atitudes de coerção social. O reducionismo cultural acaba por reduzir também o indivíduo a um circuito existencial limitado que favorece atitudes individualistas e a consequente perda do senso comunitário. A diminuição do pensamento reflexivo nos bancos escolares e o desinteresse pelo ensaio crítico das obras de arte, o baixo índice de leitura das grandes obras da literatura mundial, o desleixo e o descuido para com as possibilidades expressivas

e estilísticas nos usos da linguagem, a supremacia do coloquial como princípio comunicativo, discursos oportunistas tomados como expressão popular e uma hierarquia descomunal de futilidades culturais demonstram a predisposição do indivíduo para um universo existencial reduzido e regressivo. A cultura assim administrada implica em termos formativos, incapacitar o indivíduo na aquisição do conhecimento como instrumental decisivo de intervenção crítica nos códigos de dominação e regressão veiculados no social. Elementos semiformativos resultantes dessa cumplicidade ideológica da cultura, cada vez mais têm subtraído ao indivíduo a capacidade de ler os mecanismos de coerção social que tais narrativas legitimam.

Ao se reconhecer que através dessas narrativas permeadas pelo princípio ideológico da economia do lucro, a cultura como possibilidade de emancipação social é descartado, é oportuna a assertiva de Adorno ao constatar que: “*A única possibilidade de sobrevivência que resta a cultura é a auto-reflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu*”.⁸ Ou seja, reflexão crítica do caráter regressivo e alienante da forma como o conhecimento objetivo é paralizado diante da facilidade com que o clichê substituiu a complexidade e a experiência formativa do conceito, ambas engendradas no seio da própria reflexão.

⁸Opus cit. p. 410

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: Fragmentos Filosóficos.** trad. Guido de Almeida. RJ: Jorge Zahar Editores, 1985.

ADORNO, W. Theodor. **Prismas: crítica cultural e sociedade.** Trad. de Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.

COHN, Gabriel. (org.). **Theodor Adorno.** (Sociologia). São Paulo: Ática, 1994.

_____. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel. (org.). **Theodor Adorno.** (Sociologia). São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Teoria da semicultura.** In: Educação & Sociedade: revista quadrimestral de ciência da educação, ano XVII, n. 56, Campinas: ed. Papirus , 1996. Trad. Newton Ramos de Oliveira et al.

_____. Intervenciones. Nueves modelos de critica. Caracas/Venezuela: Monte Avila Editores, 1969

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Trad. Sério Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 – (Obras escolhidas; v.1).

BOLAÑO, César. Industria cultural: informação e capitalismo. São Paulo: Hucitec/Polis, 2000.

DUARTE, Rodrigo. **Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

_____. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, T.W. **Textos escolhidos.** In: Os pensadores. trad. Zelijko Lorapié e outros. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

KOTHE, Flávio René. **Benjamin & Adorno: confrontos.** São Paulo: Ática, 1978.

PUCCI, Bruno, RAMOS DE OLIVEIRA, NEWTON, ZUIN, Antônio Álvaro Soares (Orgs.). ADORNO o poder educativo do pensamento crítico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MATOS, Olgária C.F. **Filosofia a polifonia da razão: filosofia e educação.** São Paulo: Scipione, 1997.